

## AS RELAÇÕES FAMILIARES SOB A ÓTICA DA ETIMOLOGIA

Marília Siqueira da Silva (IFF)  
[marilia.siqueira22@gmail.com](mailto:marilia.siqueira22@gmail.com)

### RESUMO

Entre as instituições sociais que ainda perduram, encontra-se a família, considerada a base da sociedade. É nas relações entre pai, mãe e irmãos que as primeiras regras são aprendidas, aceitas ou violadas, podendo gerar conflitos, estudados em textos bíblicos e obras literárias e que se desdobram nas disputas dos filhos com a forte mãe ou, simplesmente, no papel destacado da mulher; nos embates com um pai autoritário ou mesmo no desempenho de coronéis; na rivalidade entre irmãos, inclusive gêmeos. Este trabalho apresenta, a partir de histórias da *Bíblia* e de autores da literatura brasileira, quatro faces interessantes das relações familiares e ressalta a importância das análises semântica e etimológica de termos como patriarcado, matriarcado, irmão gêmeo e filho pródigo os quais remetem às relações desenvolvidas no seio familiar.

**Palavras-chave:** etimologia. Semântica. Família. Literatura.

### 1. Introdução

Este trabalho, que suscita as relações familiares em textos bíblicos e literários brasileiros, pretende apresentar um estudo etimológico e semântico de palavras relacionadas ao círculo familiar, uma vez que neles surgem conflitos, que se expressam na disputa de toda uma família com o pai autoritário, observada em *Éramos Seis*, de Maria José Dupré, ou na visão do patriarcado estendida e ressaltada, inclusive, no papel representado pelos coronéis, conforme ocorre na obra *Terras do Sem Fim*, do escritor baiano Jorge Amado. Os embates dos filhos com a mãe forte ou simplesmente no papel destacado da mulher encontram eco em *Laços de Família*, de Clarice Lispector, e *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo. Há também os conflitos em que se envolvem diretamente irmãos, seja na rivalidade pura e simples, ou numa espécie de rivalidade como a revelada na “Parábola do filho pródigo” e no conto de Márcia Kupstas “O velho Miller”. Destacam-se ainda os conflitos vividos por irmãos gêmeos em *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, e no romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum.

Para melhor explanação dessas quatro faces das relações em família, cada parte do presente trabalho foi subdividida de modo a se obterem, num primeiro momento, comentários sobre a palavra que inspirou a problemática abordada em cada obra analisada, bem como investigação de

suas origens próximas e remotas, associados a seus possíveis significados de acordo com estudiosos da língua. A seguir, analisa-se a aplicação dos termos em textos bíblicos e, por último, em obras de autores nacionais.

## 2. *Patriarcado*

De origem milenar, passando pela Grécia e por Roma, pelas Idades Média e Moderna, até os dias de hoje, o poder patriarcal manteve-se muito forte.

Atualmente, se a lei impede, por exemplo, que o pai interne sua filha à força num convento, ainda se constatam, em muitos lugares do mundo, abusos de direitos, que vão desde a violência física até o casamento forçado e a escolha da carreira dos filhos.

### 2.1. Etimologia da palavra

Ao serem buscadas as origens do termo *patriarcado*, observa-se que suas raízes se encontram diretamente ligadas às do vocábulo *patriarca*, tornando-se necessária a análise deste.

Segundo Antônio Geraldo da Cunha, em seu *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*: "**patriarca** sm. 'chefe, líder' 'chefe de família' / patriarcha XIII / Do lat. Patriarcha-ae, deriv. do gr. patriárches // patriarcado XIII / Do lat. Patriarchatus". (CUNHA, 1982)

No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, a definição assim é feita:

**patriarca** s.m. (sXIII) **1** entre os antigos, esp. os judeus, o chefe de família <Abraão é o grande p. do Velho Testamento> **2** p.ext. pessoa mais velha que se respeita, obedece e venera e que tem grande família **3** p.ext. chefe de família que tem uma vida pacífica e honrada **4** chefe da igreja grega <o p. de Atenas> **5** prelado superior de uma grande diocese <o p. do Rio de Janeiro> **6** nome recebido por fundadores de algumas ordens religiosas ○ ETIM lat. *patriarcha* ou *patriarches,ae* 'patriarca, pai de uma raça'

Para patriarcado, lê-se:

**patriarcado** s.m. (sXIII) **1** dignidade ou jurisdição de patriarca **2** diocese subordinada a um patriarca **3** forma de organização social em que predomina a autoridade paterna **4** ANTROPOL. forma de organização social em que a descendência reconhecida é patrilinear **5** ANTROPOL. sociedade ou comunidade baseada nesse tipo de organização social ○ ETIM patriarca + ado ○ SIN/VAR ver sinonímia de *diocese* ○ ANT matriarcado (HOUAISS & VILLAR, 2009)

No presente trabalho, emprega-se a palavra latina referindo-se à organização social em que o homem é o chefe da família ou se advoga a dignidade de patriarca, com amplos poderes de decisão.

## **2.2. Patriarcado nos textos bíblicos**

Os patriarcas da *Bíblia* são figuras de forte religiosidade e de muito poder, que lideravam não só os membros de sua família, mas também o povo a que pertenciam, segundo as orientações divinas.

Noé, por exemplo, pai de três filhos: Sem, Cão e Jafé, foi escolhido por Deus para liderar sua família e aconselhar o povo a fim de livrá-lo de uma grande catástrofe prestes a ocorrer: o dilúvio. "Depois disse o Senhor a Noé: Entra na arca, tu e toda a tua casa, porque reconheço que tens sido justo diante de mim no meio desta geração". (*Gênesis*, capítulo 7, versículo 1)

O Novo Testamento, ratificando o Antigo, declara, por meio do apóstolo Paulo na epístola aos Hebreus, capítulo 11, versículo 7, que

Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa; pela qual condenou o mundo e se tornou herdeiro da justiça que vem da fé.

Outro exemplo clássico inclusive mencionado por Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar é o do patriarca Abraão, por meio de quem todas as nações que cressem no poder divino seriam beneficiadas com a bênção.

É o caso de Abraão, que creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça. Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão. Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o Evangelho a Abraão: em ti serão abençoados todos os povos. De modo que os da fé são abençoados com o crente Abraão. (*Gálatas*, capítulo 3, versículos 6-9)

## **2.3. Patriarcado na literatura brasileira**

Embora o termo patriarcado não apareça explicitamente nas obras que serão aqui exploradas, percebe-se seu uso intrínseco no livro de Maria José Dupré, intitulado *Éramos Seis*.

Trata-se da história de uma família paulista composta por seis membros: pai, mãe, filha e três filhos que passam por grandes dificulda-

des financeiras, o que afeta o relacionamento familiar.

O patriarca da história, Júlio, representa o chefe, o mandão, que todos temem e a que obedecem; como se observa no seguinte fragmento cuja narradora é a submissa esposa e mãe Eleonora.

Continuei calada; ele gritou mais:

– Diga quem manda nesta casa? Quem é que paga tudo? Hein? Por que não fala? Chego exausto do serviço, sento na mesa para jantar e ela vem me dizer que não devo comer isto ou aquilo. Fique sabendo que como o que quero e ninguém tem nada com isso. Ouvia? Ninguém! (...) As crianças olhavam para mim e baixavam a cabeça outra vez, timidamente, com medo do pai. (DUPRÉ, 1986, p. 8)

No Brasil, o patriarcado gerou a figura do coronel, título tantas vezes irônico, já que, no caso, esses coronéis não possuíam exército, mas sim, prestígio conquistado pela força de jagunços ou acordos políticos. Jorge Amado soube retratá-lo muito bem, em livros como *Cacau* e *Terras do Sem Fim*.

O trecho apresentado a seguir, retirado do livro *Terras do Sem Fim*, ressalta a imagem do coronel semelhante à de Júlio de *Éramos Seis*, ou seja, ambos se impunham, suas ordens eram acatadas sob ameaças e por temor.

O episódio se passa numa festividade em homenagem ao Dia da Árvore no Grupo Escolar, onde as pessoas mais ilustres da localidade se faziam presentes.

O tropel dos cavalos aumentou e eles irromperam na Praça da Matriz. Era o coronel Teodoro das Baraúnas, à frente de doze homens armados. Entraram dando uns tiros para o ar, os cavalos pisando o capim da Praça. Teodoro atravessou entre os colégios, os meninos corriam, corriam as mulheres e os homens. Parou bem em frente ao grupo reunido em torno à árvore. A professora Irene engoliu o verso que ia dizer, ainda estava com o braço levantado. Teodoro tinha o revólver na mão:

– Que fuá é esse? Tão plantando uma roça aqui na Praça?

Jessé explicou a comemoração em palavras trêmulas.

Teodoro riu, pareceu concordar:

– Então plantem logo. Quero ver...

Apontou o revólver, os cabras chegaram mais para perto, seguravam as repetições. Jessé e mais dois homens plantaram o cacauzeiro. É verdade que a cerimônia foi muito diversa da que o dr. Jessé imaginara. Não tivera mesmo solenidade nenhuma, apenas empurraram, às pressas, o cacauzeiro dentro do buraco, cobriram-no com a terra que se acumulava ao lado. Restava pouca

gente na Praça, a maioria correra.

– Já está? – perguntou Teodoro.

– Já.

– Agora vou orvalhar ele... – riu Teodoro.

E, de cima mesmo do cavalo, abriu a braguilha, puxou o sexo, urinou em cima do cacauero. Mas não acertava direito, a urina respingava em todo mundo. A professora Irene tapou os olhos com a mão. Antes de acabar, Teodoro deu um jeito com a mão, o resto da urina caiu em cima do dr. Jessé. Depois chamou pelos seus homens, saíram num galope pela rua central. Os assistentes que não tinham podido fugir ficaram sem gestos, olhando uns para os outros. Uma professora limpava o rosto onde caíram uns pingos de urina. Outra se assombrava:

– Ora, já se viu? (AMADO, 1978, p. 163-164)

### 3. *Matriarcado*

A estrutura das sociedades primitivas era fundamentalmente agrária e matriarcal, havendo entre a mulher e a terra íntima relação uma vez que, de ambas, surge a vida – da terra originam-se as plantas; da mulher, o seu descendente.

Se o poder foi um dos atributos do homem, a capacidade de união e agregação familiar, aliada à sua peculiar abnegação, caracterizou o perfil feminino ao longo dos tempos. No decorrer da história, inúmeras mulheres assumiram esse papel.

#### 3.1. *Etimologia da palavra*

Encontra-se, no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o seguinte comentário sobre a palavra matriarcado:

**matriarcado** s.m. (1899) SOC regime social em que a autoridade é exercida pelas mulheres [Esta ideia, meramente hipotética, foi tida como uma realidade no sXIX, quando se acreditou que tal sistema teria prevalecido em sociedades arcaicas.] ◊ ETIM matriarca + ado ◊ ANT patriarcado

Para melhor compreensão, é bom fazer menção à palavra matriarca que, segundo o mesmo dicionário, significa: "**matriarca** s.f. **1** mulher que governa uma família, um clã, uma tribo **1.1** *p.ext.* mulher que domina um grupo qualquer de pessoas ◊ ETIM *matr* + *-i-* + *-arca*. *p.ana. a patriarca*".

Mergulhando mais fundo na origem do termo, Antônio Geraldo da Cunha (1982) apresenta o vocábulo mãe como significado do radical *matr(i)*, podendo-se assim considerar que o regime matriarcal é aquele no qual a figura feminina (mãe, mulher) ocupa posição central, exercendo autoridade, poder, influência.

### **3.2. Matriarcado nos textos bíblicos**

Durante séculos, a figura da mãe foi colocada em segundo plano, haja vista a genealogia bíblica ser registrada unicamente com nomes masculinos. "Abraão gerou a Isaque; Isaque, a Jacó; Jacó, a Judá e a seus irmãos"; (Mateus, capítulo 1, versículo 2)

No Novo Testamento, nota-se uma valorização da mulher na mãe de Jesus, Maria, que aparece como tendo gerado o menino. "E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo". (Mateus, capítulo 1, versículo 16)

### **3.3. Matriarcado na literatura brasileira**

O termo matriarcado se faz representar claramente na obra de Érico Veríssimo *O Tempo e o Vento* cuja personagem Ana Terra evidencia sua capacidade de governar e comandar a família perante os conflitos políticos oriundos das conquistas no Rio Grande do Sul.

E agora ela tinha enterrado o pai e o irmão e ali estava, sem casa, sem amigos, sem ilusões, sem nada, mas teimando em viver. Sim, era pura teimosia. Chamava-se Ana Terra. Tinha herdado do pai o gênio de mula. (...) Naqueles dias, ajudados por vizinhos, Ana Terra, Eulália e Pedro construíram o rancho onde iam morar. (...) Ana conservava sempre junto de si, à noite, a velha tesoura, pensando assim: Um dia inda ela vai ter a sua serventia.

E teve. Foi quando uma das mulheres da vila deu à luz uma criança e Ana Terra foi chamada para ajudar. (...)

Os olhos de Pedro brilharam.

– Mãe, tome conta de tudo.

– Nem precisa dizer. (VERÍSSIMO, p. 90, 97 e 106)

Clarice Lispector, em seu livro *Laços de Família*, mais precisamente no capítulo intitulado “Feliz aniversário”, vislumbra a posição matriarcal. Narra uma festa familiar: os filhos, os netos, as noras, vindos de variados pontos da cidade do Rio de Janeiro, juntam-se em casa de Zilda,

onde morava a aniversariante, que fazia oitenta e nove anos de vida. Zilda, filha dedicada, arrumou a mesa com guardanapos e copos, espalhou balões e pôs o bolo no centro. Após a chegada dos familiares, a festa tem início num clima constrangedor, pois, além das desavenças entre eles, a velha, sentada à cabeceira se mantém “tesa e silenciosa”, aparentemente indiferente a todos. Era uma senhora grande, magra, morena e imponente.

Nesse cenário, a narradora onisciente, frequente nos contos e romances da autora, descreve o fluxo da consciência da aniversariante.

– Hoje é dia da mãe! disse José.

Na cabeceira da mesa, a toalha manchada de coca-cola, o bolo desabado, ela era a mãe. A aniversariante piscou.

Eles se mexiam agitados, rindo, a sua família. E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse; ela era a mãe de todos e impotente à cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspiisse. Rodrigo, o neto de sete anos, era o único a ser a carne de seu coração. Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despenteada, cadê Rodrigo? Rodrigo com olhar sonolento e intumescido naquela cabecinha ardente, confusa. Aquele seria um homem. Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devido com um bom homem a quem, obediente e independente, a respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos, lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Corno pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão. (LISPECTOR, 1998, p. 60 e 61)

#### **4. Irmãos gêmeos**

O nascimento de gêmeos sempre foi visto, por diversos povos, como um acontecimento extraordinário, ou para o bem ou para o mal. Algumas tribos indígenas do Brasil aceitam gêmeos, considerados aberração da natureza. Já a cultura egípcia e greco-romana via nos gêmeos a possibilidade de um sinal positivo dos deuses.

#### 4.1. Etimologia das palavras

Respectivamente em Antônio Geraldo da Cunha (1982) e Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2009), os termos irmão e gêmeo assim são definidos:

**irmão** s.m. filho dos mesmos pais ou de um deles apenas. Membro de confraria (XIII, ermano XIII etc. / Do lat germanus // coirmão / coirmaão XIII / Do lat germano // irmanAÇÃO XX // irmanAR XVII // irmanDADE / yrmandade XIVII // mono / mana fem. 1572

**irmão** s.m. (sXIII)1 aquele que, em relação a outrem, é filho do mesmo pai e/ou da mesma mãe 2 p.ext. pessoa a quem alguém se liga por para um fim comum ou ajuda mútua ou a quem se considera unido por sentimento de fraternidade universal (...)○ ETIM lat. Germanus (SC frater) filhos dos mesmos pais

**gêmeo** – geminar

**geminar** vb. Do lat. geminare // CONgemiAÇÃO 1889. Do lat. Congeminatis

**gêmeo** adj.s.m. (sXIII) 1 diz-se de ou cada um dos filhos que nasceu do mesmo parto ■ adj. 2 diz-se de cada um dos frutos do mesmo ramo 3 p.ext. que é igual, ou muito semelhante <indivíduos de natureza g.>

#### 4.2. Gêmeos em textos bíblicos

O relacionamento entre os gêmeos mais conhecidos da Bíblia sempre foi muito conturbado. Desde o ventre materno, lutavam pela posse da primogenitura, símbolo de poder e bênção. Esaú e Jacó, filhos de Isaque e Rebeca, tiveram atritos constantes.

Os filhos lutavam no ventre dela; então, disse: Se é assim, por que vivo eu? E consultou ao Senhor. Respondeu-lhe o Senhor: Duas nações há no teu ventre, dois povos, nascidos de ti, se dividirão: um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço. (*Gênesis*, capítulo 25, versículos 22 e 23)

#### 4.3. Gêmeos na literatura brasileira

Tomando por base as divergências dos gêmeos bíblicos, Machado de Assis reproduz em sua obra a mesma problemática. Em Machado de Assis, os irmãos representam, na realidade, as duas facetas antagônicas existentes no ser humano, as quais se encontram em constantes situações conflitantes.

A briga ocorre do campo emocional ao político. Ambos se apai-

xonam pela mesma mulher, Flora, que se mantém indecisa por ver em um o complemento do outro. Em política, um é de oposição, o outro não.

Os filhos chegaram tarde, cada um por sua vez, e Pedro mais cedo que Paulo. A melancolia de um ia com a alma da casa, a alegria de outro destoava desta, mas tais eram uma e outra que, apesar da expansão da segunda, não houve repressão nem briga. Ao jantar, falaram pouco. Paulo referia os sucessos amorosamente. Conversara com alguns correligionários e soube do que se passara à noite e de manhã, a marcha e a reunião dos batalhões no campo as palavras de Ouro Preto ao Marechal Floriano, a resposta deste, a aclamação da República. A família ouvia e perguntava, não discutia, e esta moderação contrastava com a glória de Paulo. O silêncio de Pedro principalmente era como um desafio. Não sabia Paulo que a própria mãe é que pedira ao irmão com muitos beijos, motivo que em tal momento, ia com o aperto do coração do rapaz.

O coração de Paulo, ao contrário, era livre, deixava circular o sangue, como a felicidade. Os sentimentos republicanos, em que os princípios se incrustavam, viviam ali tão fortes e quentes, que mal deixavam ver o abatimento de Pedro e o acanhamento da outra gente sua. Ao fim do jantar, bebeu à República, mas calado, sem ostentação, apenas olhando para o teto, e levantando o copo um tantinho mais que de costume. Ninguém replicou por outro gesto ou palavra. (ASSIS, 2002, p. 181-182)

Flora só se lembrava dos gêmeos. Se nenhum deles a esqueceu, ela não os perdeu de memória. (...)

Tais eram de longe, ela e eles. A rixa velha, que os desunira na vida, continuava a desuni-los no amor. Podiam amar cada um a sua moça, casar com ela e ter os seus filhos, mas preferiam amar a mesma, e não ver o mundo por outros olhos, nem ouvir melhor verbo, nem diversa música, antes, durante e depois da comissão do Batista. (*Idem*, p. 191)

Publicado no início do século XX (1904), o livro machadiano encontra eco em 2000 quando o escritor amazonense Milton Hatoum lança *Dois Irmãos*, vencedor do prêmio Jabuti de melhor romance do ano e traduzido para oito idiomas. Nele, Yaquib e Omar protagonizam as acirradas disputas em torno das quais gira o enredo. Mais uma vez, assim como em *Esaú e Jacó*, a amada surge como o ponto nefrálgico da discórdia, embora em Hatoum a mulher não apareça de forma tão explícita quanto em Machado, o que pode ser revelador de um conflito muito além da questão amorosa.

A vida de Zana, mãe dos gêmeos, girava em torno da reconciliação dos filhos.

O seu grande sonho era ver os filhos reconciliados. Ela só pensava nisso, e desde a morte de Halim acordava no meio da noite, assustada. Quem ia entender a falta que Halim lhe fazia? A dor que ele deixou? Não queria morrer vendo os gêmeos se odiarem como dois inimigos. Não era mãe de Caim e

Abel. Ninguém havia conseguido apaziguá-los, nem Halim, nem as orações, nem mesmo Deus. (HATOUM, 2006, p. 170 e 171)

O perdão, no entanto, parecia longe de acontecer. Yaqub, em carta endereçada à mãe, dizia que “o atrito entre ele e Omar era um assunto dos dois” e que esperava que fosse “resolvido com civilidade; se houver violência, será uma cena bíblica” (HATOUM, 2006, p. 171). Tais palavras causaram ainda mais preocupação ao coração angustiado de Zana.

No decorrer de sua existência, Yaqub e Omar sustentam um ódio extremamente forte um pelo outro não sendo possível desfazê-lo nem mesmo em face da morte de Zana, conforme relato do narrador-personagem ao introduzir a história.

Eu não a vi morrer, eu não quis vê-la morrer. Mas alguns dias antes de sua morte, ela deitada na cama de uma clínica, soube que ergueu a cabeça e perguntou em árabe para que só a filha e a amiga quase centenária entendessem (e para que ela mesma não se traísse): “Meus filhos já fizeram as pazes?”. Repetiu a pergunta com a força que lhe restava, com a coragem que mãe aflita encontra na hora da morte.

Ninguém respondeu. Então o rosto quase sem rugas de Zana desvaneceu; ela ainda virou a cabeça para o lado, à procura da única janelinha na parede cinzenta, onde se apagava um pedaço do céu crepuscular. (HATOUM, 2006, p. 10)

## 5. *Filho pródigo*

“Eu voltei agora pra ficar porque aqui, aqui é o meu lugar” cantava Roberto Carlos no começo da década de 1980. Essa é a ideia central de um tipo de conflito familiar: o retorno.

### 5.1. Etimologia da palavra

De acordo com o dicionário de Antônio Geraldo da Cunha (1982), “**filho** – a. s.m.f., indivíduo em relação aos pais descendente XIII. Do latim *filíus* *filía*”.

Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2009) apresentam, para a mesma palavra, as seguintes definições:

**filho** s.m. (sXIII) 1 cada um dos descendentes do sexo masculino em relação a seus genitores 2 pessoa que descende, que se origina de determinada família, grupo social etc.; descendente <f. dos primeiros habitantes das Américas> (...) ○ ETIM lat. *filíus*, indivíduo em relação aos pais, descendente

Em relação a pródigo, entre outros sentidos, Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2009) assim declaram: "**pródigo** adj. (sXV) **1** que dissipa seus bens, que gasta mais do que o necessário; gastador, esbanjador, perdulário <parábola do filho p.> (...) ◦ ETIM lat. Prodigus".

Portanto a associação das palavras filho e pródigo resulta no seguinte significado: filho liberal, esbanjador; aquele que retorna ao seio de sua família após longa ausência em que levou vida dissipada.

## **5.2. O retorno em textos bíblicos**

Sobre esse tema, encontramos na Bíblia, no Novo Testamento, a "Parábola do filho pródigo" que, afastado da família, resolve retornar ao lar após desperdiçar toda a parte da herança que solicitara ao pai. "Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores". (*Lucas*, capítulo 15, versículos 18 e 19)

O pai o aceita integralmente, causando ciúme no outro filho que, ao contrário do irmão, nunca tinha saído de casa. Compara-se a atitude do pai à do pastor que encontra uma ovelha supostamente desgarrada. Na narrativa, está implícita a ideia de arrependimento. O filho pródigo retorna ao lar arrependido de uma vida de pecado. Seu retorno é mais do que ao lar: ele reassume os valores de fé e humildade presentes na sua família.

## **5.3. O retorno na literatura brasileira**

O conto "O velho Miller", de Márcia Kupstas, mostra como a intolerância pode afastar pai e filho durante anos. O distanciamento ocorre a partir do momento em que o filho Alfredo, de 21 anos, começa a namorar uma mulata embora o pai, o velho Miller, não aprove. Alfredo sai de casa. Mais tarde, casa-se e muda-se para Porto Alegre, onde nasceu seu filho. "Era isso que incomodava meu pai: o fato de Alfredo ter se casado com uma garota mulata". (KUPSTAS, 1992, p. 82)

Nove anos passam-se; o pai de Alfredo adoecer e este retorna à casa paterna para fazer uma visita que resulta na reconciliação. Feliz com o reencontro, o irmão caçula narra o episódio: "Não sabíamos como o velho Miller ia reagir. Nove anos de distância... sem ver o filho, visitar o neto ou perdoar. (...) Aí eu sei que Alfredo soltou um riso nervoso, uma

gargalhada gigantesca, aliviada... Abraçou papai com força”. (KUPSTAS, 1992, p. 87, 88 e 90)

## **6. Considerações finais**

A análise dos textos com aprofundamento etimológico aliado ao semântico possibilita uma melhor compreensão, o que, por sua vez, proporciona mais prazer ao ato leitor. Sendo assim, espera-se que esta pesquisa contribua para uma prática de sala de aula na qual a leitura e a interpretação aconteçam com o apoio dos conhecimentos linguísticos.

Vale ressaltar ainda a importância da intertextualidade na análise, uma vez que se alcançam visões ampliadas e diversificadas de um mesmo tema a partir de diferentes concepções e épocas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. *A bíblia sagrada*. 2. ed., em letra gigante. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.
- AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. 50. ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- ASSIS, Machado. *Esau e Jacó*. São Paulo: FTD, 2002.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DUPRÉ, Maria José. *Éramos seis*. 29. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KUPSTAS, Márcia. *Sete faces da família*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1992.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento: o continente*, vol. I. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.